

MORTE E LUTO DENTRO DA UTI: a capacitação dos intensivistas durante a residência multiprofissional.

Júlia Liberato¹

Marinalva de Araújo Lustosa²

RESUMO: O objetivo primário desse estudo é compreender como a formação do residente em terapia intensiva o prepara para atuar frente a situações de terminalidade, morte e luto nas Unidades de Terapia Intensiva. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva, subsidiada em uma abordagem de cunho qualitativo com os programas de Residência Multiprofissional em Terapia Intensiva no estado do Piauí, desenvolvida em pesquisa documental. A população do estudo conta com dois programas de residência multiprofissional em Terapia Intensiva em andamento no estado. A coleta dos dados utilizou como fonte o Projeto Pedagógico Curricular (PPC) de cada residência. A análise dos dados consiste na análise documental do PPC dos programas de residência por meio de averiguação dos componentes curriculares e contextos em que aparece a inserção da temática da morte. Acredita-se que por meio desse estudo será possível compreender como a formação dos intensivistas os prepara para lidar com a morte tão presente nesse cenário para, a partir daí, possibilitar ponderações frente às condutas a serem tomadas pelos profissionais que considerem a qualidade de vida e de morte para os pacientes internados.

Palavras-chave: Morte; UTI; Residência não Médica; Formação Profissional

ABSTRACT: The primary objective of this study is to understand how intensive care resident training prepares them to act in situations of terminality, death and grief in the Intensive Care Unit. For that, a descriptive research was carried out, subsidized in a qualitative approach with the Multiprofessional Residency programs in Intensive Care in the state of Piauí, developed in documental research. The study population was two multidisciplinary intensive care residency programs in progress in the state. Data collection used as source the Pedagogical Curriculum Project (PPC) of each residence. Data analysis consists of documentary analysis of the PPC of residency programs through investigation of the curricular components and contexts in which the insertion of the theme of death appears. It is believed that through this study it will be possible to understand how the training of intensive care professionals prepares them to deal with the death that is so present in this scenario. From there, it is possible to wonder some actions to be taken by professionals who consider the quality of life and of death for inpatients.

Keywords: Death; ICU; Inmate Health Professional; Professional training

¹ Graduanda em Psicologia - julialiberatom@gmail.com - Departamento de Psicologia - Faculdade Estácio, Teresina/PI, Brasil - ORCID: 0000-0003-3163-7971.

² Psicóloga, mestre em Psicologia – marylustosa@yahoo.com – ORCID: 0000-0002-9112-0678.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Faculdade Estácio de Teresina e possui como proposta compreender a formação dos residentes dos Programas de Residência Multiprofissional em Terapia Intensiva do Piauí frente à morte e ao morrer no cenário da UTI.

A morte é um tema estudado por diversas áreas na contemporaneidade, dentre essas se incluem as áreas das ciências da saúde, humanas e sociais. No entanto, a análise em torno da morte não começou agora; ela já se constituía uma preocupação humana bem antes de passar pelo crivo da ciência. Atualmente, ela continua sendo vista de diferentes formas, em algumas culturas como um tabu, em outras, um acontecimento cheio de especulações, em outras, um passo para outra vida. O fato é que ela faz parte do desenvolvimento natural, da existência ou da "não existência" de todos os seres humanos (GONÇALVES, 2007; KOVACS, 2002; MENEZES, 2004; WERLANG & MENDES, 2014).

Na área da saúde é crescente o interesse pelo assunto, bem como pelos temas a ele correlatos, como luto e perda. Ainda assim, na sociedade ocidental atual, evita-se falar e refletir sobre situações que envolvam perdas e morte. Esse assunto é pouco discutido em rodas de conversa, nas escolas, até mesmo em instituições de saúde, já que é tido como um assunto velado, que não pode ser tocado. Com isso tem-se, então, um fenômeno chamado "desaparecimento da morte", pois a sociedade contemporânea banuiu-a de seu círculo de convivência cotidiano como forma de preservar a felicidade e manter no imaginário coletivo a ideia do homem imortal (TAMURA, 2006; WORDEN, 1998).

Conforme Gonçalves (2007), na Unidade de Terapia Intensiva, a morte acontece na maioria das vezes como um desligamento silencioso da vida, uma saída "à francesa" sem direito a despedidas.

Isso acontece porque, nesse contexto, o distanciamento da família torna a morte cada vez mais solitária e o paciente, afastado do convívio dos familiares e amigos, morre cercado de aparatos tecnológicos e após inúmeras tentativas de manter a vida por meio de terapias medicamentosas, intervenções fúteis, exaustivas,

bem como através de outros tratamentos, invasivos ou não invasivos (MENEZES, 2004).

Segundo Medeiros e Lustosa (2011) observa-se no contexto hospitalar a dificuldade de alguns profissionais para discutir o tema da morte e do morrer e faz-se claro o distanciamento da equipe de saúde junto aos pacientes que estão morrendo.

Nesse sentido, esse estudo se propõe analisar a formação dos residentes em Terapia Intensiva no tocante aos modos de lidar com a morte e o morrer na UTI, já que a morte é um acontecimento presente dentro do contexto hospitalar e, mais especificamente, na Unidade de Terapia Intensiva.

Hoje o paradigma que envolve a questão do morrer é técnico-científico, do homem-máquina, conforme frase de Foucault é “*fazer viver e deixar morrer*”, busca-se manter a vida por meio de aparelhos cujas funções são similares às funções executadas por órgãos do corpo humano, tais como ventiladores mecânicos, que simulam a função do pulmão, máquina de hemodiálise, que simula a função renal, marcapasso, que regula os batimentos cardíacos, e por aí vem se desenvolvendo tecnologias nessa área cujo intuito é fazer viver a qualquer custo. Tem-se, então, o paradigma da biopolítica, em que na contemporaneidade tenta-se ter o poder até sobre a morte (FONSECA, 2000; MATOS & VIEIRA, 2014).

Diante de tal paradigma cabe pensar: Qual o lugar da morte na formação dos residentes em terapia intensiva que lidam com ela diariamente? Como o residente em Terapia Intensiva tem sido preparado para lidar com questões de morte e morrer nesse cenário de alta tecnologia? Como o tema da morte tem sido abordado na residência em UTI e como essa metodologia de ensino tem auxiliado novos profissionais a lidar com a morte e o morrer tão presente nesse cenário?

Acredita-se que por meio desse estudo será possível compreender como a formação dos intensivistas os prepara para lidar com a morte tão presente nesse cenário para, a partir daí, possibilitar reflexões frente aos profissionais sobre qualidade de vida e de morte para os pacientes internados.

Aprofundar a compreensão sobre a dimensão dos processos de subjetivação do residente médico e multiprofissional em Terapia Intensiva sobre morte implica estudar sobre a própria vida e sobre questões bioéticas referentes à terminalidade dela.

Reconhecendo as limitações existentes na literatura sobre a formação do residente intensivista para atuar frente a situações de perdas e o inegável sofrimento que permeia a morte e o luto, esse trabalho busca, então, tentar compreender como se dá a formação do residente médico e multiprofissional para lidar com a morte e o morrer na UTI.

DESENVOLVIMENTO

As Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) pretendem proporcionar ao paciente um tratamento que objetive a conservação da vida e também a recuperação da saúde de pessoas que precisam de cuidado e acompanhamento intensivos e, por conta disso, é um ambiente de internação hospitalar que difere dos leitos clínicos convencionais (LUIZ, CARTAGENO, COSTA, 2017).

A UTI é destinada ao acolhimento de pessoas em estado grave que correm risco de vida, por isso, os pacientes internados em UTIs requerem cuidados mais complexos que os outros pacientes, incluindo monitoramento constante e ininterrupto (CUCCHI, 2009). Nessas Unidades de Terapia Intensiva é imprescindível que se priorize ações de promoção da saúde, prevenção de doenças e agravos, também atenção ao diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos.

Na Rede de Atenção de Urgência e Emergência do estado do Piauí, percebeu-se necessidade de aperfeiçoamento de profissionais em Terapia Intensiva e carência de programas de residência multiprofissional. Além disso, foi percebida urgência em oportunizar a integração das instituições de ensino e serviços de saúde a fim de que a proposta político pedagógica da formação e o caráter da atenção e gestão sejam reorientados na perspectiva do SUS.

Por conta disso, o Programa de Residência Multiprofissional em Unidades de Terapia Intensiva do Adulto (RIMTIA) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) foi criado em 2016, atuando em conjunto com o Programa de Residência Médica em Terapia Intensiva da UESPI, que já acontece há 10 anos.

Com o objetivo tanto de ofertar de projetos de capacitação aos profissionais, quanto de reordenar a atenção à saúde em situações de urgência e emergência de

forma coordenada pela atenção básica; o programa conta com catorze preceptores, sendo seis da área de Fisioterapia, quatro da Enfermagem e quatro da Psicologia. O RIMTIA funciona como curso integral e oferece quinze vagas no total; cinco para profissionais de fisioterapia, cinco para aqueles de Enfermagem e cinco para os de Psicologia.

O tempo de duração do RIMTIA é de um ano e onze meses, sendo constituído de 5.760 (cinco mil setecentos e sessenta) horas. A carga horária é dividida em teórica, que representa 20% do total, e prática, correspondente a 80%. Essa carga horária é disposta em dezenove disciplinas.

Após análise documental do plano de curso das dezenove disciplinas do Programa de Residência Multiprofissional em Unidades de Terapia Intensiva do Adulto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), foi constatado que apenas uma disciplina apresentou na matriz curricular terminologias relacionadas ao estudo da morte.

Embora algumas disciplinas contivessem os termos “pacientes graves” e “cuidados humanizados”, somente o plano de curso da disciplina de Tanatologia apresentou terminologia referente a cuidados paliativos e terminalidade. A carga horária da disciplina (trinta horas) corresponde a aproximadamente 2,6% do total da carga horária teórica do RIMTIA.

De acordo com Santos, Corral-mulato e Bueno (2015), o ensino sobre a morte pode ser uma importante ferramenta na atenuação de consequências negativas decorrentes da experiência de perda de um paciente, como o luto mal trabalhado. Sendo a morte quase uma companheira de trabalho para os profissionais que estão inseridos no meio médico - sobretudo nas Unidades de Terapia Intensiva -, entende-se que é necessário que a equipe multiprofissional disponha de alicerce psicoemocional para lidar com a terminalidade. Isso pode ser adquirido mediante experiências educativas que ultrapassem a barreira de tabu e que caminhem rumo ao desvelamento da morte. Entretanto, lidar com a morte ainda é um fator estressante para os profissionais que atuam nas equipes multidisciplinares em UTIs. (KOVÁCS, 2005; LEITE & VILA, 2005)

Segundo Kovács (2005), é importante que o ensino da morte traga reflexões a respeito da aproximação da morte com o objetivo de sensibilizar o aluno em relação aos aspectos cognitivos, afetivos, individuais e coletivos que esse assunto perpassa. A autora também cita a importância de aliar o conhecimento teórico à prática vivida a

fim de que o estudo da morte se torne matéria cotidiana, se afastando, assim, do âmbito de tabu.

Levando isso em consideração, o plano pedagógico da disciplina de Tanatologia da Residência Multiprofissional em UTIs da UESPI foi elaborado. Por meio da análise do plano foi constatado que os objetivos da disciplina são: compreender os conceitos atuais em tanatologia; discutir os aspectos socioculturais envolvidos nos processos de morte e luto nas sociedades ocidentais; reconhecer a elaboração do conceito de morte nas diferentes fases da vida; analisar os conceitos de eutanásia, distanásia, ortotanásia e suas repercussões na atuação do profissional de saúde; instrumentalizar e capacitar o aluno para o desenvolvimento de habilidades relacionais interpessoais em situações de morte do paciente.

Exposição de filmes; diálogo; debate em grupo e a produção de um artigo científico fazem parte da metodologia utilizada para abordar os assuntos que constam na ementa da disciplina; a saber: tanatologia e a representação social da morte; atitudes diante da morte; a morte nas diferentes fases do desenvolvimento humano; eutanásia, distanásia, ortotanásia; perdas; o ser humano e a perda da saúde; o processo de luto; luto normal e luto patológico; educação para a morte. Já as avaliações são divididas em prova escrita (10 pontos); análise de filme (10 pontos); e produção de artigo científico (10 pontos).

O recurso audiovisual, utilizado na disciplina, tem a capacidade de projetar o seu espectador a outros tempos e vivências. Ele permite que os alunos se relacionem mais proximamente com o tema, uma vez que os filmes estabeleçam forte diálogo entre o real e o não-real. Não raro, por meio do belo mosaico de linguagens, os filmes alcançam com sucesso o imaginário de quem os assiste, trazendo à tona sentimentos diversos, como o de identificação com os personagens por meio de suas próprias experiências de vida (FERREIRA, 2010).

Além de sensibilizar os estudantes para o tema em questão, a exposição de filmes geralmente levanta questionamentos e debates; importantes ferramentas para a construção coletiva do conhecimento. O debate em sala de aula é uma técnica de ensino que emancipa o aluno em relação à sua posição passiva de “receptor de conhecimento”. Quando se propõe questionamentos e debates, além de despertar o senso crítico em sala, se abre espaço para que o aluno possa, junto com o professor e os demais colegas, concretizar seu conhecimento sob uma base coletivamente

construída. O processo de debater assuntos é essencial para o rompimento da barreira vertical que se ergue por meio da educação expositória. Por meio do diálogo, da troca de informações e opiniões, os alunos passam a perceber outros pontos de vista para a teoria estudada e, com isso, se tornam ativos no processo do desenvolvimento educacional. (FREIRE, 1967)

A aliança entre o recurso audiovisual e o debate estimula que os alunos reflitam sobre a terminalidade e o luto de uma forma que distancie o sigilo cotidiano da morte, descrito por Ariès (1977), e abrange critérios de ensino da morte preconizados por Kovács (2005). Contudo, é mister ressaltar a importância de um estudo prático a respeito do tema.

Como exemplo de atividade acadêmica prática no ramo da Tanatologia, se pode citar o estudo realizado no Ceará em 2018, com alunos do curso de enfermagem. Uma atividade com elaboração de três situações-problema foi proposta na disciplina de Tanatologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e para sua realização, seguiu-se o arco de Miguel Chaves - observação da realidade (problema), extração de pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade (prática). (SAMPAIO; *et al.* 2018)

Os resultados do estudo apontaram para a mudança na percepção dos alunos a respeito da teoria abordada na disciplina, e ao final, os estudantes se avaliaram como construtores de seu conhecimento profissional e pessoal. Foi evidenciada também a aproximação do conteúdo das aulas às situações reais vivenciadas pelos envolvidos. (SAMPAIO; *et al.* 2018)

Embora a finalidade da pesquisa proposta na ementa da disciplina de Tanatologia do RIMTIA fique à escolha dos alunos, podendo ela ser ou não pesquisa de campo, a aplicação prática dos conhecimentos é realizada por meio da produção de um artigo científico.

De acordo com Goulart (2004), a pesquisa é reconhecida como um dos processos significantes para a produção do conhecimento. Sob o enfoque acadêmico, a produção científica, decorrente de pesquisas diversas, favorece a comunidade científica interessada pois pode propor novas teorias ou novos casos que refutem teorias antigas, propor novas críticas a um paradigma já conhecido, além de aprofundar um conceito já existente, corroborando com o desenvolvimento do rigor científico. (CURTY; BOCCATO, 2008)

Tendo isso em vista, vale citar ainda, que dentro das academias, a temática da Tanatologia ainda se apresenta pouco discutida (SANTOS; HORMANEZ, 2013). Ressalta-se, por isso, a importância do método adotado pela UESPI para a comunidade acadêmica e científica que estuda a Tanatologia.

Além do evidenciado, o valor educacional da pesquisa é inquestionável. Possibilita despertar o senso crítico dos alunos por meio de questionamentos da realidade, favorece a produção criativa do conhecimento e engloba em sua realização a capacidade de aplicar o conhecimento já adquirido e de intervir de forma ativa na prática. (DEMO, 1994)

Ciente do valor investigativo imbuído na pesquisa acadêmica, dos benefícios existentes na leitura de autores que discutem sobre o tema e como isso enriquece e contribui para a aprendizagem do educando, para fomentar a discussão apresenta-se as referências bibliográficas escolhidas para serem trabalhadas na disciplina de Tanatologia do curso de Residência Multiprofissional da UESPI.

Dispostos em ordem alfabética de acordo com o sobrenome, os autores elencados no plano da disciplina para compor as referências bibliográficas são: Ingrid Esslinger; Elias Knobel; Maria Júlia Kovács; Elisabeth Kubler-Ross; Luciana Bertachini & Leocir Pessini e, finalmente, Wilma da Costa Torres.

O trabalho de todos esses autores foi imprescindível para a Tanatologia e são considerados de valia para o estudo. Sendo o material mais recente da lista publicado no ano de 2008, na bibliografia não consta nenhuma publicação da década de 2010 a 2020.

O primeiro livro presente na bibliografia da disciplina chama-se “De quem é a vida, afinal?”. Esse livro foi escrito pela autora Ingrid Esslinger e publicado em 2004 como resultado de sua pesquisa de doutorado. Nele, a autora se propõe a analisar as relações da equipe médica, do paciente e de sua família em situações de terminalidade. Preocupada, inicialmente, em analisar como os pacientes, a família e a equipe de saúde entendiam a doença e as limitações que ela pudesse trazer, a autora determinou seu campo de pesquisa em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Ao passo que a pesquisa ia se desenvolvendo, Esslinger sentiu a necessidade de incluir em sua pesquisa uma nova questão, levando em consideração a comunicação estabelecida e a importância do diálogo diante a morte. (ESSLINGER, 2004).

Abordar esse livro na formação dos alunos que estão cursando a disciplina de tanatologia contribui para incitar reflexões sobre a importância do cuidado com o paciente terminal e da necessidade de se falar sobre a morte. Levando essas questões em consideração, espera-se que o aluno desenvolva habilidades para uma prática humanizada.

O segundo livro da bibliografia, publicado em 2008 por Elias Knobel, sob o título de “Psicologia e humanização: assistência aos pacientes graves”, traz reflexões a respeito da experiência da internação em UTIs e suas implicações no aspecto psicológico do paciente e dos familiares. Para a construção desse livro, o autor atenta à situação do enfermo na UTI e a reconfiguração psicológica necessária para se lidar com uma doença grave. Ele ressalta que a internação pode ser uma experiência psicologicamente traumática, considerando que a realidade de uma doença grave seja ameaçadora à vida. (KNOBEL, 2008)

A relevância desse material se evidencia pela proposta de uma análise das consequências psicoemocionais geradas nos pacientes, sobretudo aqueles em terminalidade. Pensar a respeito disso propicia que a atenção dos alunos seja direcionada ao paciente que sofre e às estratégias possíveis para minimização desse sofrimento.

O terceiro e o quarto livro presentes na bibliografia são da autora Maria Júlia Kovács; um publicado em 1992 com o título “Morte e desenvolvimento humano”, e o outro, em 2008, chamado “Morte e Existência Humana: Caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção”.

“Morte e desenvolvimento humano” foi elaborado pela autora como um livro texto para a disciplina “Psicologia da morte”. Feito a princípio para estudantes de psicologia, o livro discute a morte e suas diversas facetas, elucida a questão com uma linguagem acessível e não limitante. O objetivo, segundo a autora, foi facilitar a discussão, reflexão e sensibilização dos leitores. Ao abordar o tema da morte, a autora chama atenção para os diversos contextos que esse assunto perpassa, como a morte nas fases do desenvolvimento humano; a morte e a psicanálise; a morte e o existencialismo; profissionais de saúde e a morte, dentre outros temas. (KOVÁCS, 1992)

“Morte e Existência Humana: Caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção” é um livro que visa dar à morte uma nova forma de interpretação. Dividido

em duas partes, o livro, a princípio, intenciona trazer o tema da terminalidade como instância íntima do existir, sem construção, entretanto, de uma atmosfera mórbida, ao contrário; por meio da naturalização do assunto, busca-se alcançar a desconstrução do tabu da morte. A segunda parte do livro dedica-se à intervenção do profissional de saúde no acolhimento de pessoas em situações de luto e perda. (KOVÁCS, 2008)

A escolha desses dois livros para compor a bibliografia da disciplina propicia a aproximação do aluno com o tema da morte. O estudo desse material fornece aporte teórico para que na prática da UTI os alunos possam encarar a terminalidade com menos desconforto e mais familiaridade e, assim, praticar o cuidado humanizado da melhor forma possível.

O quinto livro utilizado na bibliografia da disciplina de Tanatologia se chama “Sobre a morte e o morrer”, da autora Elisabeth Kubler-Ross e foi publicado em 1969. O livro é fruto de um trabalho que a autora desenvolveu durante dois anos e meio junto a pacientes terminais. No início do livro, Kubler-Ross busca esclarecer ao leitor que aquele material não é um manual para se lidar com a morte e nem um livro excessivamente teórico, é, sim, um registro de vivência que busca dar voz ao paciente que morre. Por isso, o livro traz entrevistas com alguns pacientes e estabelece um diálogo com a teoria da tanatologia, dando atenção ao cuidado com o ser humano. (KUBLER-ROSS, 2001)

A leitura desse livro contribui na formação do aluno porque o livro demonstra em diversos momentos a sensibilidade do cuidar do paciente em terminalidade. Ao trazer relatos de entrevistas, Kubler-Ross dá voz àquelas pessoas para que narrem suas experiências sob o ponto de vista de quem vive a situação. Isso é importante porque além de facilitar o processo de empatia dos profissionais para com as pessoas que estão internadas em UTIs, a experiência enriquece o sujeito para que ele possa atuar de forma responsável e não negligente.

O sexto livro da bibliografia presente no plano de curso da disciplina de Tanatologia do RIMTIA é fruto da coletânea de textos organizada por Luciana Bertachini e Leocir Pessini. Chamado Humanização e Cuidados Paliativos, o livro é dividido em duas metades.

A primeira versa a respeito dos desafios enfrentados quando o assunto é “cuidados humanizados”. Os autores dizem que para que as instituições de saúde possam exercer um cuidado humanizado em relação aos pacientes, antes, é

necessário que todo o paradigma cultural em relação ao cuidado com o outro seja ressignificado. Para isso, os autores apontam que é necessário superar marcas sociais pautadas na violência, na individualização que exclui o outro, no cuidado voltado para a cura e no egoísmo. É constatado que no Brasil existem políticas públicas de cuidado humanizado e espera-se que essas políticas possam ser postas em prática de forma efetiva. Segundo os autores, para que o cuidado humanizado possa ser realizado, é necessário que o cuidador encare o paciente como um ser humano que precisa de apoio para superar positivamente seus desafios. (PESSINI, 2004)

Já a segunda metade aborda o tema do Cuidado Paliativo (CP) chamando atenção primeiramente para a perspectiva errônea de que os CP são uma prática que existe por conta da impossibilidade de se fazer algo para a cura do paciente. Os autores afirmam que os CP não são fundados na perspectiva de impossibilidade de cura, e sim de morte digna. Para tanto, o livro traz textos que abrangem questões como filosofia, espiritualidade, doenças crônicas, luto e comunicação. (PESSINI, 2004)

Esse livro contribui para a formação do residente do RIMTIA uma vez que o trabalho multiprofissional na UTI Adulta muitas vezes resulte em ações de CP. É importante que os alunos aprendam a reconstruir o significado dessa prática apoiados pelas noções de cuidado humanizado e isso é viável a partir da leitura e reflexão dos assuntos abordados pelo livro. Com os conhecimentos adquiridos a partir da leitura, debate e reflexão dos temas do livro, se espera que alunos possam ser capazes de realizar um acolhimento humanizado voltado às possibilidades que transcendem a cura física e biológica.

O sétimo livro estudado na disciplina é da autora Wilma Torres e foi publicado em 1999. O título do livro é “A criança diante da morte” e ele é resultado de um trabalho de 20 anos de pesquisas e estudos sobre o tema.

Dividido em duas partes, o livro aborda o descobrimento do conceito da morte e as consequências afetivas disso na criança. Nos capítulos, Torres (1999) apresenta que o morrer é para a criança um desafio cognitivo, uma vez que a capacidade cognitiva de associar conceitos abstratos ainda não está plenamente desenvolvida até o início da adolescência. Para a criança torna-se complicado assimilar a irreversibilidade, a não funcionalidade e a universalidade da morte. Além disso, a

autora comenta que a morte também é para a criança um desafio afetivo uma vez que a capacidade de lidar com eventos trágicos consista primeiramente em compreender e significar o fenômeno. Ao contemplar esses assuntos, a autora traz em seu livro a preocupação de dar voz às crianças, possibilitando que elas partilhem seus entendimentos a respeito da morte, trazendo assim, uma discussão sobre a morte pautada na vivência dessa realidade sob a ótica das crianças. (TORRES, 1999)

A discussão desse material durante a formação no RIMTIA pode estimular o entendimento dos alunos a respeito da morte. Como o material trata do tema da morte sob uma visão que não é a dos adultos, os residentes poderão compreender melhor como esse conceito pode ser assimilado ao longo da vida durante as diferentes fases do desenvolvimento humano. O estudo e discussão desse livro pode sugerir métodos mais sensíveis e humanizados de abordar o assunto da terminalidade, viabilizando o cuidado com os pacientes no futuro.

CONCLUSÃO

A partir da revisão da grade curricular do curso do RIMTIA e da análise do plano de curso e bibliografia utilizados na disciplina de Tanatologia, nota-se a existência da abordagem do tema da morte e da terminalidade e, seguindo o plano da disciplina, a capacitação dos residentes para lidar com o luto acontece, o que já demonstra ser um avanço no debate frente a morte e ao morrer com possível impacto nas decisões e procedimentos realizados no final da vida do enfermo.

Muito embora se reconheça a necessidade de trabalhar o tema em dimensões mais específicas, como estudar sobre o processo de morte dos pacientes idosos, o esperado é que os intensivistas tenham uma visão mais humanizada do processo de morte que aqueles que não cursaram a disciplina de tanatologia.

Preparação acadêmica a respeito do tema da morte contribui para que os residentes se sintam menos angustiados frente a casos terminais na UTI e para que o cuidado com os pacientes seja voltado para a humanização, a fim de garantir a qualidade de vida do enfermo; superando, portanto, o modelo de cuidado biomédico.

Ante o exposto, cabe ainda questionar: sendo o preparo a respeito da terminalidade um fator tão importante durante a residência visto que ameniza reações negativas diante da morte dos pacientes e fornece um alicerce para ressignificação do momento da morte, por que motivo ainda se tem uma carga horária pequena destinada à disciplina de Tanatologia? E, não seria ideal que o tema da morte fosse trabalhado também em outras disciplinas ao longo do curso?

As limitações da literatura a respeito de como o luto e a mortalidade são trabalhados durante a Residência Multiprofissional do Piauí são aqui postas em pauta. Diante da pouca produção científica, esse trabalho corrobora com o ramo científico que estuda a respeito do tema, sendo ainda, necessárias novas pesquisas acerca do impacto dessa formação e disciplina de tanatologia na prática residente; e também reconhece a importância de ressignificação da postura dos residentes intensivistas frente à morte.

Referências

ARIÈS, Phillipe. **A história da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CUCHI, Maristela. **Humanização em Unidades de Terapia Intensiva: avaliação da percepção do profissional de um hospital público em Mato Grosso**. Sociedade Brasileira de Terapia Intensiva-SOBRATI, 2009.

CURTY, Marlene Gonçalves; BOCCATO, Vera Regina Casari. O artigo científico como forma de comunicação do conhecimento na área de Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 10, n. 1, mar. 2008. ISSN 19815344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/305>. Acesso em: 16 jun. 2020.

DEMO, Pedro. Crise dos paradigmas na educação superior. **Educação Brasileira**, Brasília, v. 16, n. 32, p. 15-48, jan./jul. 1994.

ESSLINGER, I. **De quem é a vida, afinal – descortinando os cenários da morte no hospital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FERREIRA, Eurico Costa. **O Uso dos Audiovisuais como Recurso Didático**. 2010. 75 f. Tese (Mestrado) - Curso de História e Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55002/2/tesemesteuricoferreira000123322.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

FONSECA, Márcio Alves. Fazer viver e deixar morrer: as sociedades modernas e a tipologia de seus poderes. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 188-193, Out. 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jul. 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda., 1967. 157 p. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/5.-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-Pr%C3%A1tica-da-Liberdade.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

GONÇALVES, José Pedro Rodrigues. **A morte na Unidade de Terapia Intensiva: um estudo de caso**. 2007. 108 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis (SC): UFSC/CFH, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90494>. Acesso em: 10 ago. 2019.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 2, n. 4, p. 60-73, 31 maio 2004.

KNOBEL, E. **Psicologia e humanização: assistência aos pacientes graves**. São Paulo: Atheneu, 2008.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932005000300012>. Acesso em: 16 jun. 2020.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. (coord.). **Morte e Existência Humana: Caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro. Guanabara, 2008.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, Maria Abadia; VILA, Vanessa da Silva Carvalho. Dificuldades vivenciadas pela equipe multiprofissional na unidade de terapia intensiva. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 13, n. 2, p. 145-150, abr. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-11692005000200003>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LUIZ, Flavia Feron; CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; COSTA, Márcia Rosa da. Humanization in the Intensive Care: perception of family and healthcare professionals. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 70, n. 5, p.1040-1047, out. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0281>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MATOS, Robson Kleber de Souza; VIEIRA, Luciana Leila Fontes. Fazer viver e deixar morrer: a velhice na era do biopoder. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 196-213, Mar. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jul. 2018.

MEDEIROS, Luciana Antonieta; LUSTOSA, Maria Alice. A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 203-227, dez. 2011. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 23 ago. 2016.

MENEZES, Rachel Aisengart. **Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Fiocruz e Garamond, 2004.

PESSINI, Leocir; BERTACHINI, Luiza. **Humanização e cuidados paliativos**. São Paulo: E. Loyola, 2004.

SAMPAIO, Cynthia Lima; NERI, Maria Fabiana de Sena; ARAÚJO, Michell Ângelo Marques; CAETANO, Joselany Áfio; ELOIA, Suzana Mara Cordeiro; SOUZA, Ângela Maria Alves e. **Problem-Based Learning in Teaching of Thanatology in Undergraduate Nursing Program**. Escola Anna Nery, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 1-7, 25 jun. 2018. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0068>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SANTOS, Janaína Luiza dos; CORRAL-MULATO, Sabrina; BUENO, Sonia Maria Villela. MORTE E LUTO: a importância da educação para o profissional de saúde. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 199-203, 3 ago. 2015. Universidade Paranaense. <http://dx.doi.org/10.25110/arqsaude.v18i3.2014.5196>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SANTOS, Manoel Antônio dos; HORMANEZ, Marília. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 18, n. 9, p. 2757-2768, set. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232013000900031>. Acesso em: 16 jun. 2020.

TAMURA, C. Mitie. **A “pornografia da morte” e os contos de Luís Vilela**. Campinas, SP: [s.n], 2006.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

WERLANG, Rosangela; MENDES, Jussara Maria Rosa. Death over time: brief notes about death and dying in the West. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 437-449, Sept. 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Nov. 2020.

WORDEN, J. W. **Terapia do Luto**. 2ª Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

